



Red Ear Syndrome: A systematic review of a rare syndrome

Juliana Baleki Borri¹ , Carlos Alberto Bordini² , Hilton Mariano da Silva Junior^{1e3} 

¹Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

²Centro Universitário Municipal de Franca, Franca, São Paulo, Brasil.

³Hospital Municipal de Campinas Doutor Mário Gatti, Campinas São Paulo Brasil

Introdução

A Red Ear Syndrome (RES) é um distúrbio enigmático com aproximadamente 100 casos publicados na literatura. Apesar da variabilidade da apresentação clínica da, os sintomas mais comuns incluem ataques de dor e eritema da orelha. Os pacientes também podem apresentar outros sintomas durante os ataques. O distúrbio é classificado nas formas idiopática e secundária, frequentemente associada a cefaleias primárias e distúrbios da parte superior da coluna cervical, respectivamente. Há uma grande carência na literatura sobre a sua etiologia, fisiopatologia e tratamentos.

Objetivos

Investigar os aspectos fisiopatológicos e clínicos das diferentes apresentações da Red Ear Syndrome.

Material e Métodos

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura. Revisamos todos os casos publicados e 53 artigos foram selecionados seguindo as diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis (PRISMA). Todos os 94 pacientes dos relatos de casos coletados foram categorizados em dois grupos: idiopático ou secundário. Os grupos foram analisados separadamente e depois comparados.

Resultados

Em ambos os grupos, há uma prevalência em mulheres, ataques unilaterais são mais comuns, a duração dos ataques pode variar de segundos a horas e podem ocorrer diariamente. No grupo idiopático, 73,7% dos pacientes tinham ataques associados a cefaleias primárias e 20% tinham ambas as condições isoladas, o gatilho mais comum foi o estímulo tátil. Por outro lado, no grupo secundário, o gatilho mais comum foi movimentos da cabeça e pescoço. Além disso, em 61,2% dos casos a dor se estende a outras regiões além da orelha, principalmente nos casos secundários. Os pacientes também podem apresentar sintomas autonômicos e vestibulococleares. Não há um consenso sobre o tratamento, a doença parece ser refratária a várias medicações e apresenta grande variabilidade interindividual. Nos casos idiopáticos, medicamentos usados para cefaleias primárias mostraram resultados positivos no controle dos ataques.

Conclusões

Nossa revisão sistemática mostrou diferenças clínicas importantes entre RES primária e secundária. Esses resultados impactam no reconhecimento desta condição peculiar e suas variadas manifestações.

Palavras-chave: Síndrome rara, Cefaleia, Dor orofacial